

Consciência cultural em sala de aula: a importância de um currículo plural e sensível

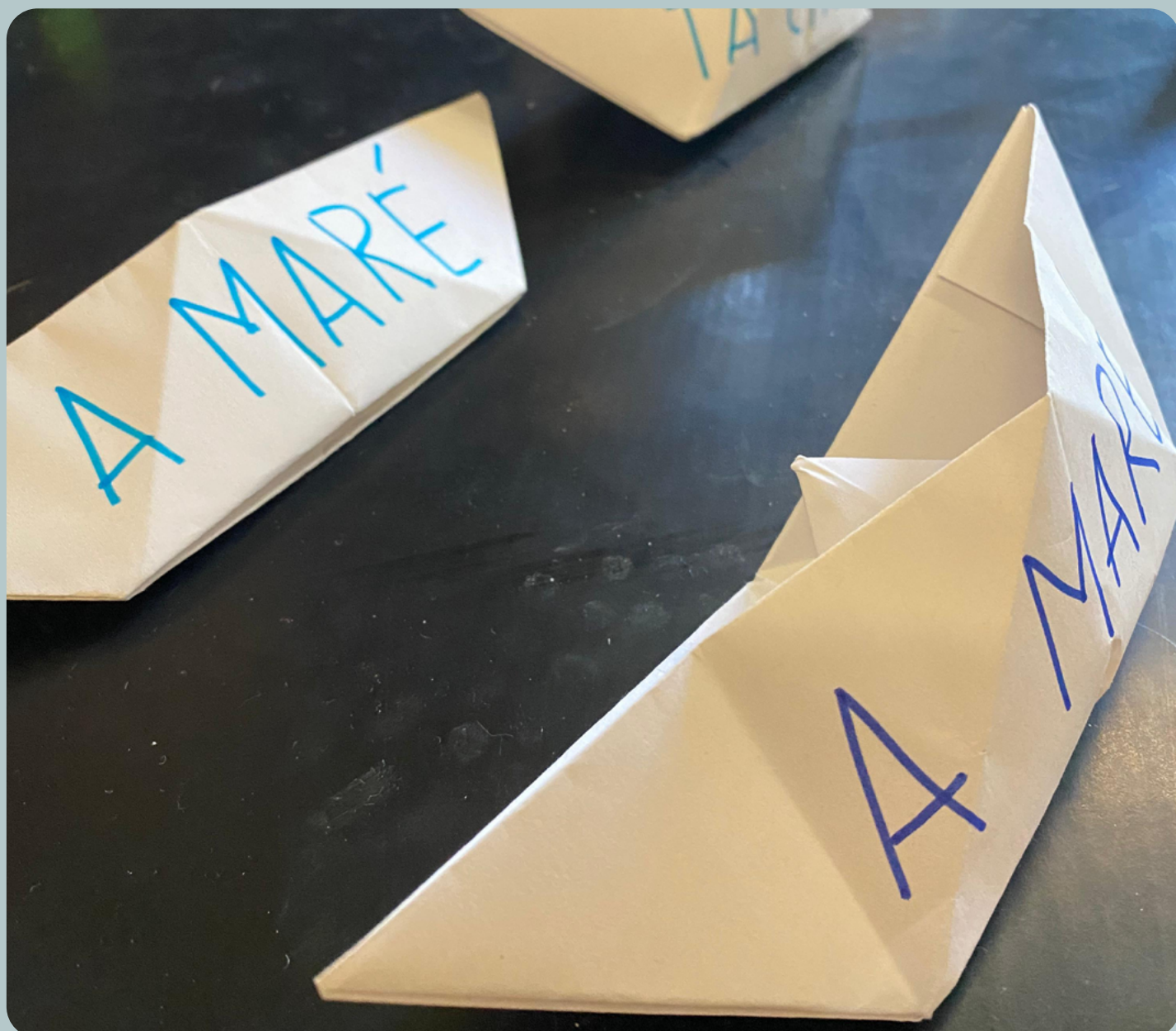
Fernanda de Mattos

International Foundation Mozarteum
hey.fernandamattos@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-8659-0956>

📄 Recebido em: 07/07/2025

👍 Aprovado em: 08/10/2025

👉 dx.doi.org/10.33054/MEB1417D06





Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância de uma abordagem de ensino de música culturalmente sensível no contexto da Orff-Schulwerk, considerando tanto a utilização de materiais provenientes de diferentes culturas quanto a postura do educador diante de um ensino musical culturalmente diverso. As profundas transformações socioculturais ocorridas no mundo desde o surgimento da Schulwerk constituem um dos principais estímulos para esta discussão, assim como a crescente necessidade de formação docente crítica frente aos desafios e conceitos emergentes do século XXI. Tal perspectiva demanda do educador consciência e abertura para o diálogo intercultural, reconhecendo a diversidade como elemento constitutivo do fazer musical. A discussão apoia-se em pesquisas e reflexões recentes da abordagem Orff-Schulwerk, especialmente no que se refere às suas ressignificações no contexto contemporâneo da educação musical.

Palavras-chave: Sensibilidade cultural. Currículo. Pluralidade.

Cultural awareness in the classroom: the importance of a plural and sensitive curriculum

Abstract

This article proposes a reflection on the importance of a culturally responsive approach to music teaching within the context of the Orff-Schulwerk, considering both the use of materials from diverse cultures and the educator's stance toward culturally diverse musical learning. The profound sociocultural transformations that have taken place worldwide since the emergence of the Schulwerk constitute one of the main motivations for this discussion, as does the growing need for critical teacher education in light of the challenges and emerging concepts of the twenty-first century. Such a perspective requires educators to develop awareness and openness to intercultural dialogue, recognizing diversity as a constitutive element of musical practice. The discussion draws on recent research and reflections on the Orff-Schulwerk approach, particularly regarding its reinterpretations within the contemporary context of music education.

Keywords: *Cultural awareness. Curriculum. Plurality.*

MATTOS, Fernanda de. Consciência cultural em sala de aula: a importância de um currículo plural e sensível. *Revista Música na Educação Básica*, v. 14, n. 17, e1417D06, 2025.

Introdução¹

Com a virada do século e o avanço de fenômenos como a globalização, as novas ondas migratórias, os debates contemporâneos sobre direitos humanos e o crescimento da consciência cultural, torna-se evidente que as metodologias educacionais precisam se ressignificar a diferentes realidades e contextos. Embora as discussões sobre sensibilidade cultural tenham ganhado força nas últimas décadas (Morris, 1999; Campbell, 2005; Oroscó, 2014; Kastenhuber, 2015; Pantao; Garcia, 2021), sua presença dentro da abordagem Schulwerk ainda não é amplamente debatida em nível global.

Movido pela urgência de transformar em prática as discussões sobre o uso responsável de materiais interculturais e o papel fundamental do educador na mediação cultural, este artigo propõe uma reflexão sobre a importância da cultura na sala de aula de música. O texto aponta para a necessidade de que os educadores desenvolvam competências sensíveis para orientar a escolha de repertórios e práticas pedagógicas, além de explorar caminhos possíveis para integrar a cultura de forma responsável e significativa dentro do contexto da Schulwerk. Para além da discussão teórica, são apresentadas práticas pedagógicas que oferecem inspirações desde o processo de pesquisa do educador até a mediação dos materiais em sala de aula.

O objetivo deste artigo² é estimular um diálogo mais aberto e profundo sobre a relação entre cultura, prática pedagógica na Schulwerk e as provocações necessárias para uma docência musical mais sensível, oferecendo inspirações para que educadores atuem de maneira

1. Informações sobre a cronologia e personalidades ligadas à Orff-Schulwerk estão disponíveis no Editorial do Dossiê “Abordagem Orff no Brasil: territórios, musicalidades e encontros”: <http://dx.doi.org/10.33054/MEB1417D00>

2. Trata-se de um recorte da dissertação *Where peoples meet: A study about the importance of a culturally aware music education in the light of the Schulwerk approach* de Fernanda de Mattos (2024).

mais consciente e culturalmente responsiva. Trata-se, portanto, de um convite à reflexão coletiva sobre caminhos para uma educação mais abrangente, significativa e coerente com o tempo em que vivemos.

Um breve referencial sobre termos culturais

Falar sobre cultura é, antes de tudo, reconhecer não apenas a complexidade do termo, mas também a diversidade das realidades que ele abrange. Longe de possuir um significado único, seu entendimento varia conforme o contexto, o campo de estudo e as experiências de quem o utiliza. Para educadores musicais, refletir sobre o(s) conceito(s) de cultura é essencial, especialmente ao trabalhar com repertórios, práticas e expressões de diferentes origens em sala de aula.

Etimologicamente, a palavra cultura deriva do latim *colere*, que significa “cultivar” — originalmente associada ao cultivo da terra e, posteriormente, ao cultivo da mente e do espírito por meio da educação (Gratzer et al., 2023). Ao longo do tempo, o termo adquiriu novas camadas de sentido. No Iluminismo europeu, por exemplo, cultura passou a ser compreendida em oposição à ideia de civilização, sendo associada a qualidades internas e subjetivas, em contraste com os avanços materiais e tecnológicos do período (Clayton et al., 2003, p. 11).

Nos séculos seguintes, o termo cultura passou a ser compreendido como a expressão singular de cada povo (Clémence, 2022) e, nesse contexto, consolidou-se a ideia de que cada grupo social possui uma cultura própria, única e igualmente valiosa (Clayton et al., 2003, p. 11). Contudo, o reconhecimento da diversidade também deu origem a processos de hierarquização cultural, promovendo distinções entre o que se denominou “alta cultura” e “cultura popular” ou de “massa”. A cultura passou, então, a ser “entendida como uma expres-

são do comportamento humano sujeita a estruturas de poder invisíveis” (Gratzer et al., 2023). Esse discurso contribuiu para a marginalização de práticas culturais amplamente vivenciadas por diferentes comunidades, mas que não correspondiam ao ideal eurocêntrico dominante.

Atualmente, compreende-se que a cultura não se limita a objetos materiais ou manifestações artísticas isoladas. Ela abrange valores, práticas, tradições, crenças, linguagens, rituais, formas de organização e, naturalmente, expressões musicais. Cultura é tudo aquilo que um grupo humano produz, partilha e transmite em determinado tempo e espaço — e que pode ser continuamente ressignificado ao longo das gerações. Como destaca o sociólogo Andreas Reckwitz (2010, pág. 24 in Scheibhofer in Gratzer et al., 2023, pág. 90), a cultura é sempre construída, negociada e reinterpretada pelas pessoas, nunca sendo estática nem neutra.

É importante lembrar que o conceito ocidental de “cultura” nem sempre faz sentido de forma direta a todas as sociedades. Em muitos grupos indígenas, por exemplo, não existe uma palavra específica para designar esse termo. A cultura se manifesta nas práticas cotidianas, nas relações com a natureza, nos saberes orais e nos rituais coletivos (Everett, 2009). Essa constatação nos leva a perguntas essenciais para a prática pedagógica: “quem define o que é cultura?” “Como esses significados se transformam ao longo do tempo?” “Quais vozes são ouvidas — e quais permanecem silenciadas — nessas definições?”

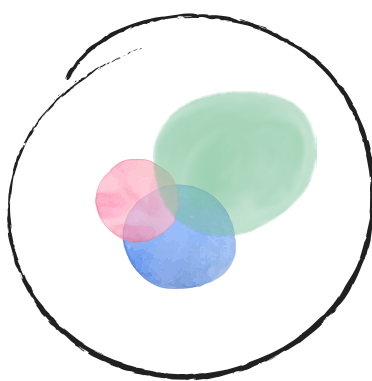
A cultura, portanto, é viva, relacional e em constante movimento. Está presente nas músicas que ouvimos, nas formas como nos expressamos e nos modos como ensinamos e aprendemos. Pode unir ou excluir, dependendo de como é compreendida. Por isso, torna-se urgente que educadores musicais tenham uma escuta atenta e crítica, abrindo espaço para múltiplas vozes, repertórios e experiências dentro da sala de aula.

Diferentes maneiras de interação cultural

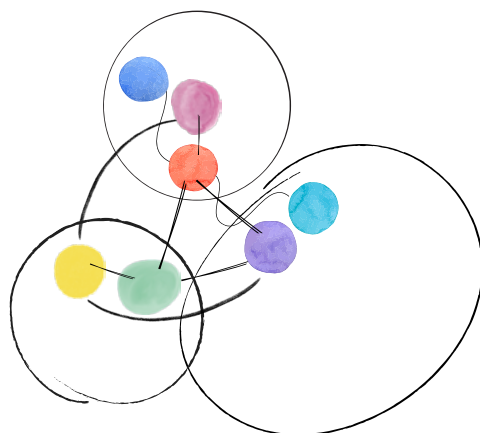
Refletir sobre as formas como as culturas coexistem, integram e se influenciam mutuamente é essencial para compreender, de maneira mais ampla, os desafios e as possibilidades presentes em um ambiente educacional diverso. A seguir, são apresentados cinco conceitos-chave que auxiliam a mapear e interpretar essas dinâmicas culturais.



Multiculturalidade



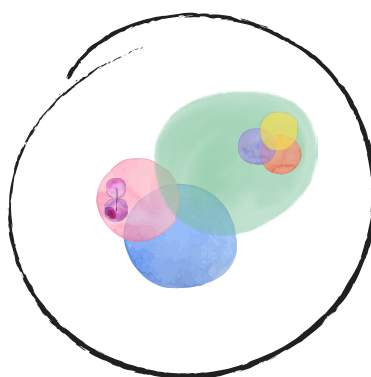
Multiculturalismo



Transculturalidade



Interculturalidade



Intraculturalidade

Imagem 1 – Representação das diferentes maneiras de interação cultural.
Fonte: Mattos, 2025.

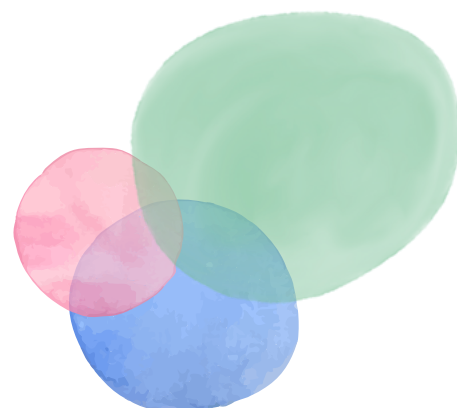
Multiculturalidade

A multiculturalidade refere-se à presença de diferentes grupos culturais que coexistem em um mesmo território, mas sem necessariamente estabelecer trocas significativas entre si. Nessa perspectiva, as culturas compartilham o mesmo espaço geográfico, porém mantêm suas identidades, valores e práticas de forma autônoma (Malkiewicz, 2015). Um exemplo de multiculturalidade no contexto brasileiro é a presença de povos indígenas isolados, como os Avá-Canoeiro e os Hi-Merimã, que vivem no mesmo país que outras populações, mas sem contato direto ou intercâmbio cultural.



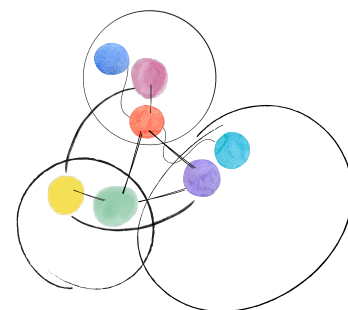
Multiculturalismo

O multiculturalismo diz respeito à forma como uma sociedade lida com a multiculturalidade, isto é, à coexistência e convivência de diferentes grupos culturais dentro de um mesmo país. Nesse contexto, as culturas interagem, mas mantêm suas identidades e tradições próprias, coexistindo sob um mesmo sistema social e político. Como define Clayton (2009, p. 211), “em particular, ele se refere à existência de diferenças entre uma população em termos de características raciais, étnicas, religiosas e outras características culturais.” Exemplos de sociedades multiculturalistas podem ser observados em países como Bélgica e Suíça, onde grupos linguísticos e culturais distintos convivem preservando suas especificidades.



Transculturalidade

A transculturalidade, diferentemente do multiculturalismo, pressupõe o movimento, a interação e a troca entre diferentes culturas que coabitam um mesmo território, tornando as fronteiras culturais mais porosas e dinâmicas (Malkiewicz, 2015). Embora cada grupo preserve parte de suas características originais, essas identidades



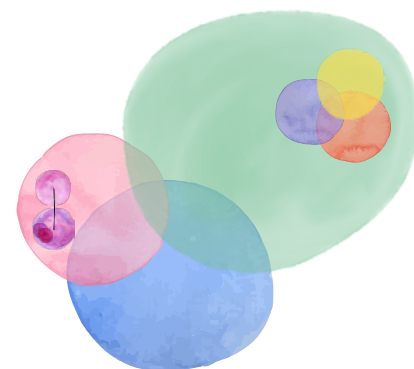
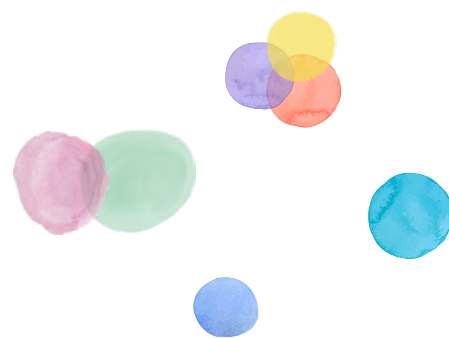
des passam por transformações mútuas, resultantes dos processos de influência recíproca. A transculturalidade, portanto, representa um movimento fluido e contínuo, que desafia fronteiras culturais rígidas e reconhece a natureza híbrida e interdependente das expressões culturais.

Interculturalidade

A interculturalidade refere-se ao engajamento e ao diálogo significativos e respeitosos entre indivíduos ou grupos de diferentes origens culturais. Ela vai além da mera coexistência, buscando promover a compreensão mútua enquanto valoriza e preserva as identidades culturais de cada parte. Essa interação não se restringe a grupos geograficamente distantes, podendo ocorrer também entre pessoas que compartilham o mesmo espaço, mas que diferem em termos de etnia, classe social ou origem (Leask, 2023, p. 225). A interculturalidade exige reflexão contínua e pode conduzir ao desenvolvimento da competência intercultural (Malkiewicz, 2015), desde que seja cultivada por meio de trocas dialógicas, colaborativas e eticamente comprometidas.

Intraculturalidade

A intraculturalidade refere-se às interações entre indivíduos de uma mesma sociedade que pertencem a diferentes microgrupos ou subculturas. Embora compartilhem um contexto cultural mais amplo, suas experiências individuais, origens sociais e pontos de vista podem diferir significativamente. Esse tipo de interação expõe os indivíduos a diversas perspectivas dentro de sua própria cultura, promovendo a autoconsciência, o aprendizado e uma compreensão mais profunda de seu ambiente cultural. A intraculturalidade apoia a ideia de que a cultura não é fixa, mas sim dinâmica, em evolução e moldada pela interação contínua (Malkiewicz, 2015).



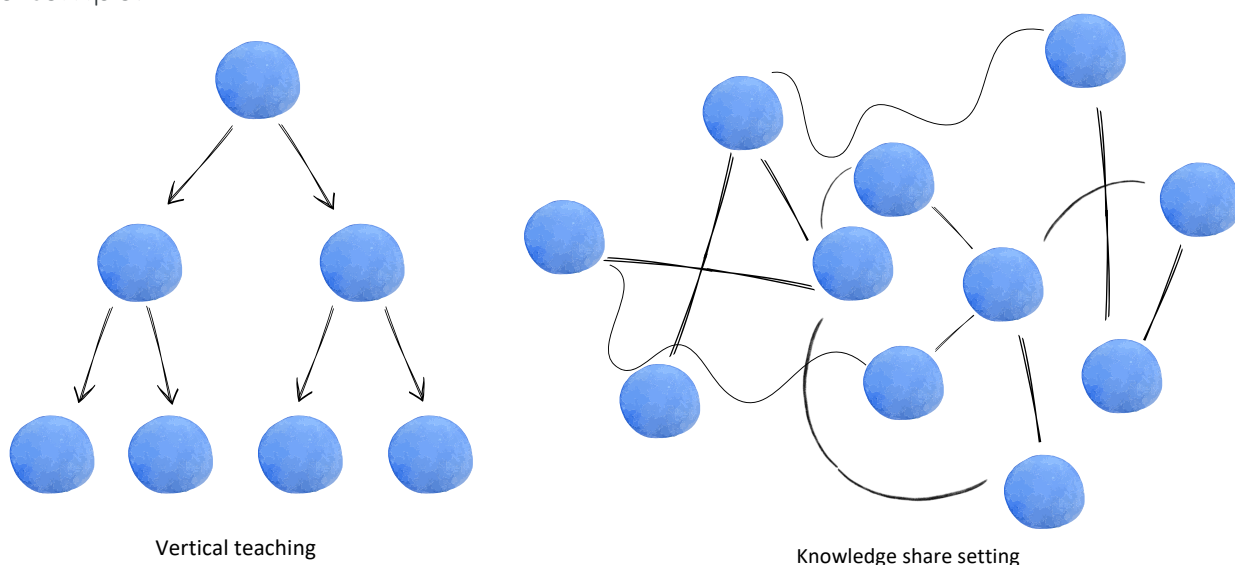
Em contextos cada vez mais diversos e interconectados, educadores são chamados a atuar com flexibilidade, sensibilidade e abertura ao novo. Ao conduzir vivências em sala de aula, entendemos que é essencial a atenção às múltiplas formas de expressão e interação cultural que ali se manifestam. Compreender essas dinâmicas e reconhecer o potencial transformador de cada indivíduo dentro de sua comunidade são passos fundamentais para construir ambientes educativos mais inclusivos, respeitosos e significativos.

Schulwerk e sensibilidade cultural: discussão através do tempo

“Sendo uma obra em aberto, na qual o dinamismo, a partilha e a [ressignificação] são conceitos chave, a abordagem OS é atualizada com base na tentativa, sempre desafiante, de compreender o mundo”
(Cunha, Carvalho, Maschat, 2015, p. 29)

A abordagem Orff-Schulwerk surgiu em um período de profundas transformações sociais, políticas e culturais na Europa. Após os traumas deixados pela Primeira Guerra Mundial, o continente buscava novos caminhos de reconstrução e de sentido coletivo — e as artes, incluindo a educação musical, tornaram-se espaços privilegiados dessa renovação. Nesse contexto, pedagogos e artistas começaram a repensar os sistemas educacionais a partir de uma perspectiva mais humanista, criativa e integradora. Emergiram então vozes como Friedrich Fröbel, Maria Montessori, Rudolf Steiner, Rudolf Laban, Mary Wigman e Émile Jaques-Dalcroze, que propuseram uma educação centrada no corpo, na imaginação, na sensibilidade e na totalidade do ser humano, princípios que ressoam profundamente na abordagem Orff-Schulwerk e continuam a inspirar práticas educacionais contemporâneas.

Desde suas origens, a Schulwerk se constituiu como uma resposta às limitações do ensino musical tradicional, colocando em primeiro plano o fazer musical em comunidade, a improvisação e a expressão por meio do corpo. Sua proposta pedagógica não é vertical nem prescritiva: organiza-se em rede, sustentando um diálogo contínuo entre professores, alunos, ambientes e contextos. Trata-se de uma abordagem viva, que compreende o ensino como processo em constante movimento e, por isso mesmo, carrega em si tanto o potencial quanto a responsabilidade de se transformar com o tempo.



Apesar disso, é importante reconhecer que, em seus primórdios, a Schulwerk não tinha como foco explícito a sensibilidade cultural. O uso de materiais provenientes de diferentes tradições sempre esteve presente em sua prática; no entanto, essa sensibilidade era frequentemente pressuposta, aparecendo “nas entrelinhas” das ações de educadores mais experientes e comprometidos com os princípios da abordagem. Havia abertura, mas o debate sobre diversidade cultural ainda não constituía um eixo estruturante. Nos dias de hoje, porém, essa omissão já não é possível.

Em um mundo cada vez mais diverso e interconectado, a pluralidade cultural deixa de ser apenas uma realidade nas salas de aula para se tornar uma demanda

Imagem 2 – Representação de uma rede de aprendizado colaborativo comparada a um ensino vertical.
Fonte: Mattos (2024, p. 19).

pedagógica inadiável. Se, em sua origem, a Schulwerk desafiou propostas tradicionais de educação musical ao colocar a criatividade e a criança no centro do processo, o momento atual exige um novo passo adiante. Dispomos hoje não apenas dos recursos, mas também do vocabulário conceitual necessário para promover essa transformação.

Assim, torna-se fundamental que a sensibilidade cultural deixe de ser um saber implícito para se afirmar como uma prática consciente, refletida e intencional. Isso implica, como aponta Mattos (2024):

- **Reconhecer** que a apropriação de materiais de outras culturas, sem compreensão ou contexto, pode gerar distorções e feridas;
- **Assumir** que a sensibilidade cultural precisa ser discutida e continuamente revisitada — como um compromisso ético com nossos alunos e com as culturas que atravessam nosso trabalho;
- **Ampliar** o olhar sobre o que entendemos por “música” e por “repertório”, valorizando expressões culturais diversas como legítimas e potentes dentro do fazer pedagógico;
- **Dialogar** com as comunidades de onde vêm os repertórios que escolhemos, criando conexões vivas entre a nossa sala de aula e o mundo;
- **Reimaginar** práticas escolares que favoreçam a escuta, o respeito e a representatividade, reconhecendo que a identidade cultural de cada aluno influencia diretamente sua relação com a aprendizagem.

A Schulwerk traz em sua própria essência a potência da transformação — e, justamente por isso, precisa seguir se reinventando. A sensibilidade cultural não deve ser entendida como um complemento ou anexo à abordagem, mas sim como parte central de seu movimento permanente de renovação.



Você sabia?

Outras pedagogias que falam sobre diversidade cultural

Outras abordagens educacionais também debatem a importância de um currículo plural.

A Pedagogia Culturalmente Sensível (do inglês Culturally Responsive Pedagogy ou CRP), por exemplo, se baseia nos princípios da justiça social, da conscientização multicultural e da identidade do aluno (cultura, raça, idioma). Embora não tenha sido desenvolvida especificamente para a educação musical, seus princípios se alinham fortemente com a ênfase da Schulwerk no aprendizado criativo e centrado na criança.

Já a Pedagogia da Música do Mundo (do inglês World Music Pedagogia, ou WMP), por exemplo, surgiu da etnomusicologia e da educação musical, defendendo a escuta profunda e a imersão cultural como fundamentos para a compreensão musical. Promove a conscientização musical e cultural, bem como a cidadania global, em sintonia com as prioridades educacionais do século XXI.

Ambas pedagogias têm em comum com a Schulwerk uma aprendizagem centrada na criança, criatividade e auto expressão, respeito à diversidade cultural e práticas de ensino colaborativas e inclusivas.

Apropriação cultural, decolonialismo, e o papel do educador como mediador

Incorporar repertórios de diferentes culturas na sala de aula de música é uma prática rica, potente e cheia de possibilidades formativas. Jogos, canções, danças e instrumentos de distintos contextos socioculturais ampliam a sensibilidade, a empatia e a compreensão mútua entre os alunos, promovendo o encontro de múltiplas vozes e modos de ser. No entanto, quando essas práticas são inseridas de maneira superficial ou descontextualizada, há o risco de se reproduzir estereótipos,

apropriações indevidas e posturas colonialistas — ainda que de forma inconsciente.

A apropriação cultural, segundo Scafidi (2005), refere-se à ação de tomar elementos culturais ou intelectuais de outro povo sem consentimento ou sem consideração pelo seu valor simbólico, social e identitário. Frequentemente, essa apropriação é confundida com apreciação cultural. Embora a linha entre ambas possa ser tênue, é justamente a intenção, o cuidado e o contexto que determinam o limite ético entre uma e outra. Como observa Vallejo (2015, p. 21), muitas músicas, instrumentos ou danças “podem parecer simples para nós, mas provavelmente fazem parte da identidade musical e social de uma comunidade, independentemente de sua origem geográfica ou cultural.”

Ainda hoje, reduções culturais problemáticas são recorrentes nas práticas escolares. Ritmos africanos, por exemplo, são frequentemente tratados de modo genérico, como se o continente fosse uma unidade homogênea, ignorando sua vasta diversidade sonora e cultural. No Brasil, o samba muitas vezes aparece como o único marcador de identidade nacional, apagando a pluralidade de tradições regionais que compõem o tecido musical do país. Do mesmo modo, repertórios indígenas continuam sendo transmitidos de forma genérica, muitas vezes com terminologias imprecisas ou pejorativas, que acabam por subjugar e distorcer as culturas dos povos originários.

Ao agir dessa forma, perpetuam-se visões estereotipadas que sustentam estruturas coloniais e invisibilizam outras epistemologias. Palavras como “exótico”, “primitivo” ou “estranho” carregam um histórico de preconceito e hierarquização, frequentemente associado à ideia de que culturas não europeias seriam inferiores ou menos sofisticadas. Reconhecer e transformar esse tipo de discurso é tarefa essencial do educador musical, que atua como mediador entre o repertório e a realidade social, histórica e cultural de seus alunos.

Esse trabalho exige sensibilidade, atenção, escuta ativa e pesquisa constante. É preciso dar um passo atrás e se perguntar: De onde vem esse material? Como posso apresentá-lo com respeito? O que preciso saber para fazê-lo de forma ética?

“As pessoas serão verdadeiramente críticas se viverem a plenitude da práxis, ou seja, se sua ação abranger uma reflexão crítica que organize cada vez mais seu pensamento.”

(Freire, 1970, p. 104)

A decolonização da prática pedagógica, portanto, não deve permanecer restrita ao plano do discurso. Ela precisa se materializar em escolhas concretas — de repertório, de vocabulário e de postura crítica. Como alertam Tuck e Yang (2012, p. 1), “se ela só puder ser vista no discurso, a decolonização se torna uma metáfora.” Para que seja vivida de fato, é necessário unir reflexão teórica e ação pedagógica, e esse movimento começa com o próprio educador.

No contexto das práticas inspiradas na Schulwerk, esse cuidado torna-se ainda mais relevante. A proposta de Orff e Keetman sempre esteve enraizada na liberdade criativa, na escuta ativa e na valorização do fazer musical coletivo. Hoje, diante dos desafios do século XXI, temos a oportunidade — e a responsabilidade — de expandir esse legado com um olhar mais sensível e comprometido com a responsabilidade cultural.

Nesse sentido, o papel do educador como mediador cultural torna-se central. Cabe a quem ocupa essa posição cultivar a escuta, estimular a curiosidade e propor experiências musicais que considerem as raízes, os contextos e as complexidades de cada expressão cultural. Longe de uma postura salvacionista ou meramente expositiva, o educador precisa assumir uma atitude de constante aprendizado e questionamento, reconhecendo-se também como parte de um processo contí-

nuo de formação. Somente assim será possível construir uma sala de aula verdadeiramente diversa, crítica e acolhedora.

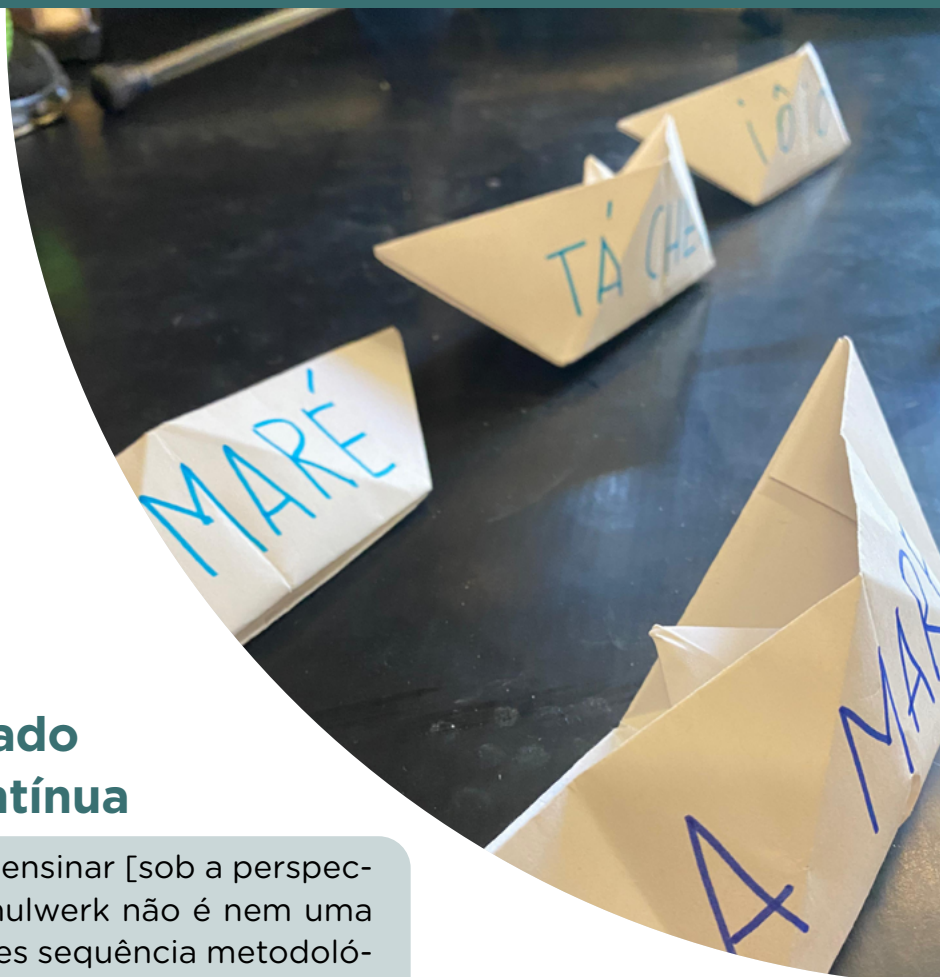
Tudo agora é um grande NÃO?

Com o crescente debate sobre o uso ético de materiais culturais, é normal que tenhamos medo de usar materiais de maneira indevida. Para evitar isso, é importante que o educador pesquise o máximo que puder, envolvendo a si mesmo e os alunos no processo de descobrimento das múltiplas facetas que o material tem para oferecer, convidando também a comunidade para participar deste aprendizado. A proximidade com o material promove a conscientização global, desenvolve a empatia, o respeito, o pensamento crítico, anti-colonialista e não estereotipado. O aprendizado compartilhado, alinhado à honra à fonte e à abertura para novos conhecimentos, é princípio-base da Schulwerk quando mediado com repertório multicultural. O grande segredo é como o relacionamento do educador com o material escolhido se desenvolve e como ele escolhe desenvolvê-lo.

Decolonização

Decolonização diz respeito ao movimento de resistência às práticas e estruturas herdadas do colonialismo. Colonizar significa quando um grupo passa a controlar os recursos, as línguas, as terras, as culturas e até as relações de outro grupo. No contexto brasileiro, o termo colonial costuma se relacionar ao eurocentrismo — isto é, à ideia de que os modos de ser, viver, aprender, pensar e agir oriundos da Europa Ocidental são tomados como padrão ou norma, enquanto outras formas de existência e conhecimento são vistas como secundárias ou de menor importância.

Imagem 3 – Registro de aula.
Fonte: Acervo pessoal (2023).



Na prática: aprendizado contínuo, prática contínua

“É preciso compreender que ensinar [sob a perspectiva da abordagem] Orff Schulwerk não é nem uma mera técnica nem uma simples sequência metodológica, mas o resultado de um profundo entendimento de sua origem artística e pedagógica e de sua dimensão.”

(Hartmann, 2021, v)

Antes mesmo de iniciar a ação em sala, o trabalho pedagógico na abordagem Schulwerk começa com o próprio educador — planejando, pesquisando e refletindo. Essa preparação, no entanto, não é linear nem estática: trata-se de um processo contínuo de investigação, em que o caminho pedagógico se constrói em movimento, exigindo flexibilidade, escuta e abertura constante.

Ao explorar repertórios culturalmente diversos, o educador percorre um percurso de familiarização que, como propõem Swanwick e Tillman (1986, p. 33), se assemelha a uma espiral — do domínio técnico à expressão, da especulação à metacognição. Cada novo contato com o material revela camadas antes invisíveis, que demandam atenção e sensibilidade desde os primeiros momentos do processo.

Nesse contexto, manter-se enraizado nos princípios da Schulwerk é essencial. Os elementos da prática — música, movimento, linguagem e jogo — não se apresentam de forma isolada, mas se entrelaçam dinamicamente em múltiplos níveis de profundidade, como em um caleidoscópio pedagógico, em constante transformação.

Reflexões iniciais sobre o material a ser explorado

Antes de levar um novo material à sala de aula, é fundamental refletir criticamente sobre o próprio envolvimento com ele: O que desperta meu interesse por esse conteúdo? O que já sei e o que ainda desejo aprender? Que desafios podem surgir? Como descrevê-lo e contextualizá-lo de forma respeitosa? Quais conexões ele estabelece com minha própria cultura? Conheço alguém diretamente ligado a essa tradição?

Essas perguntas funcionam como um guia para decisões pedagógicas mais conscientes e éticas. Mesmo ao trabalhar com elementos de sua própria cultura, é essencial que o educador cultive um vínculo afetivo e respeitoso com o material. Como destaca Perkiö (apud Mattos, 2024), o educador deve estabelecer uma relação emocional com os conteúdos e as culturas que escolhe abordar, pois, ao agir assim, oferece aos alunos um exemplo vivo de respeito e consciência cultural, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades intrapessoais e de uma escuta empática diante da diversidade.

Pesquisa e preparação contínuas

Em um ambiente digital vasto, mas nem sempre confiável, os educadores precisam investigar com rigor crítico músicas, danças e instrumentos provenientes de diferentes culturas. A colaboração com etnomusicólogos e o diálogo com educadores experientes podem

contribuir significativamente para escolhas mais éticas e conscientes, evitando distorções e simplificações indevidas.

Uma prática culturalmente sensível requer atenção tanto às características musicais — como letra, estrutura e estilo — quanto aos aspectos contextuais, como quem executa, em que ocasião e com que significado. Esse trabalho deve ser entendido como um processo de pesquisa contínuo, sustentado por fontes múltiplas e diversificadas: registros sonoros, visuais, textuais e, sempre que possível, o contato direto com representantes da cultura.

Mesmo quando a imersão direta não é viável, é possível buscar fontes confiáveis e estabelecer conexões culturais autênticas. Mais do que acumular informações, trata-se de manter uma postura aberta, colaborativa e aprendente, revisitando constantemente as próprias percepções e ampliando o olhar sobre a diversidade que permeia o ensino da música.

Perguntas disparadoras para a pesquisa prática

A seguir, algumas perguntas que podem orientar essa investigação:

Sobre a música

- Como se organizam ritmo, melodia, harmonia, e forma?
- A tessitura da melodia é confortável para minha voz?
- Qual timbragem é mais adequada para o perfil desta melodia?
- Quem a interpreta? Há acompanhamento instrumental?
- A que repertório pertence? Como é cantada e estruturada?

Sobre o contexto

- Todos podem cantar ou há distinções de gênero e idade?
- Em que ocasião é executada? Há época específica?
- Qual sua origem geográfica e cultural?
- Qual é o nome e o significado da canção?
- Há texto? Quais as particularidades do idioma?

Pesquise na sua comunidade

Antes de buscar materiais de outras culturas, é essencial começar pela nossa própria. Pergunte-se: de onde venho? Quais músicas, sons e memórias fazem parte do meu cotidiano? Cada cultura é uma fonte rica e inesgotável de experiências, e nada melhor do que explorar o que já nos é familiar para compreender mais profundamente o ato de ensinar e aprender música.

Ao pesquisar e valorizar nossa própria cultura, fortalecemos o vínculo com nossas origens e ampliamos a compreensão sobre quem somos e de onde falamos. Esse processo enraíza a prática pedagógica, tornando-a mais autêntica, significativa e coerente ao ser compartilhada com os alunos. Ademais, ao nos conectarmos com nossas raízes culturais, tornamo-nos mais sensíveis e respeitosos ao aprender sobre outras tradições, favorecendo uma prática consciente, ética e enriquecedora.

Trata-se de um movimento colaborativo que sustenta a interculturalidade, em que alunos e professores aprendem uns com os outros, compartilhando repertórios, histórias e perspectivas em um processo de crescimento coletivo e mútuo reconhecimento.

Use a tecnologia a seu favor

A tecnologia oferece recursos valiosos para a pesquisa, verificação de dados e conexão com pessoas em diferentes partes do mundo. Hoje, é possível consultar a

pronúncia de uma canção com falantes nativos, convidar artistas de outras localidades para participar de aulas ou acessar diversas versões de um mesmo material com apenas alguns cliques. Ainda assim, é necessário reconhecer seus limites e a complexidade dos resultados que ela oferece.

Com o compartilhamento de conteúdo tornando-se cada vez mais rápido e acessível, surgem também riscos importantes. O uso irrefletido da Internet pode comprometer a privacidade, violar direitos autorais e reduzir expressões culturais a mercadorias. Harding (2015) chama a atenção para a importância de relações autênticas com músicos e dançarinos em seus próprios contextos culturais. Segundo o autor, embora a tecnologia amplie o acesso ao repertório, é fundamental evitar o consumo superficial de práticas culturais diversas e valorizar o encontro humano e a escuta contextualizada como dimensões indispensáveis do aprendizado musical.

Contextualize o repertório ao grupo

Ao escolher o repertório para a sala de aula, o educador precisa considerar as especificidades culturais do grupo, ressignificando o material de modo que ele faça sentido naquele contexto. Trabalhar em outro país — ou mesmo em regiões culturalmente diversas dentro do próprio território — requer sensibilidade, escuta e flexibilidade. Campbell (2018) destaca que músicas, danças e demais materiais precisam ser mediados com cuidado, não apenas para que sejam significativos aos estudantes, mas também para evitar a imposição de práticas e visões externas, especialmente aquelas marcadas por uma perspectiva musical eurocentrada.

Essa atenção deve se estender também ao uso de repertórios da própria cultura. Escolher uma canção apenas por ser divertida, conhecida ou simples, sem qualquer contextualização histórica ou social, pode esvaziar

seu valor simbólico e reduzir seu potencial educativo. Uma reflexão crítica e constante sobre o uso do material é essencial para que a prática pedagógica se mantenha culturalmente sensível, ética e significativa para todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

Na dúvida, melhor não usar

A escolha do repertório deve envolver não apenas o objetivo pedagógico, mas também o compromisso com a profundidade, a precisão e o respeito cultural. Se um elemento cultural (como uma música, uma dança ou um instrumento) estiver sendo usado superficialmente ou sem a devida compreensão, é mais respeitoso não usar. Em vez disso, é preciso usar a oportunidade para aprender mais — de preferência, conectando-se com indivíduos da cultura em questão. Em vez de perpetuar representações vagas ou imprecisas, muitas vezes é melhor abandonar o material escolhido e explorar outras opções.

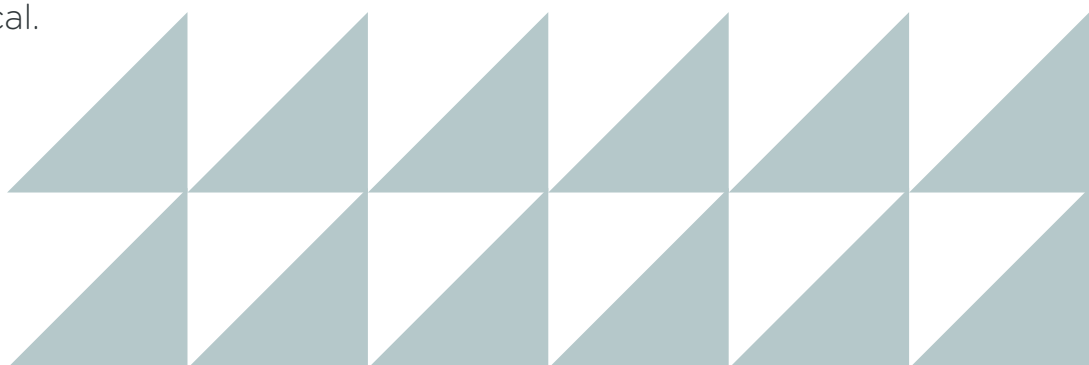
Considerações finais

A proposta central deste artigo parte da necessidade de refletir sobre o uso de materiais culturais diversos — canções, instrumentos, danças — na sala de aula de música, em consonância com a abordagem Orff-Schulwerk. Com base em perguntas orientadoras, buscamos compreender como essa prática pode responder aos desafios culturais do século XXI, contribuindo para uma educação musical mais plural, crítica e sensível.

Trabalhar com repertórios de diferentes origens exige escuta atenta, pesquisa constante e consciência pedagógica — e, nesse sentido, reconhece-se o quanto tal prática pode ser desafiadora em um contexto educacional repleto de demandas. Os conceitos teóricos e as sugestões práticas aqui apresentados favorecem uma postura responsiva à cultura, apoiando o desenvolvimento profissional do educador, valorizando o contexto de cada material e ampliando o repertório escolar de forma respeitosa, criativa e colaborativa.

Pode-se afirmar que uma educação fundamentada nos princípios da Schulwerk requer flexibilidade, abertura e consciência crítica por parte de quem ensina. A oportunidade de aprender nasce justamente dos desafios que enfrentamos e do quanto estamos dispostos a buscar novos olhares e escutas. Ensinar é, portanto, assumir uma grande responsabilidade — especialmente quando lidamos com culturas distintas da nossa.

Este artigo não pretende encerrar o debate, mas abrir caminhos para novas reflexões, práticas e pesquisas que deem continuidade a essa discussão, dentro e fora da sala de aula, reafirmando o potencial transformador da Educação Musical.



 **Autora****Fernanda de Mattos**

hey.fernandamattos@gmail.com



Fernanda pesquisa cultura e educação em diferentes contextos, um tópico de grande interesse pessoal e que sempre permeou seu trabalho. Mestre em Educação Artística (MAEd) pela Mozarteum Universität/Orff-Institut em Salzburgo (Áustria), certificada em Música e Movimento na Educação (Orff-Schulwerk) pelo The San Francisco International Orff Course na Califórnia (EUA) e Educadora Musical pela FIAM-FAAM em São Paulo (Brasil). Estuda atualmente Gestão de Artes e Cultura na Universidade Leuphana em Lüneburgo (Alemanha). No Brasil, atuou por mais de uma década como educadora artística, artista, produtora e pesquisadora, dedicando-se desde 2012 ao estudo da abordagem Schulwerk. Participou ativamente da Orquestra do Corpo e desenvolveu para os palcos projetos que conectam o cancionário brasileiro plural para idades mistas. Atualmente desenvolve projetos e facilita workshops de educação cultural e artística na Áustria e Alemanha no contexto de museus, óperas e peças de teatro de diferentes épocas e estilos para renomadas instituições como Salzburger Festspielhaus, Internationale Stiftung Mozarteum, Paris-Lodron Universität Salzburg e organizações como o escritório de antidiscriminação da cidade de Salzburgo.

<http://lattes.cnpq.br/4685785983613241>



Referências

ACEVES, T. C.; OROSCO, M. J. *Culturally responsive teaching* (Document No. IC-2). Collaboration for Effective Educator, Development, Accountability, and Reform Center. University of Florida: 2014. Online access in February 2024. Available on: <http://cedar.education.ufl.edu/tools/innovation-configurations/>

CAMPBELL, Patricia Shehan. *Cultural sensitivity in music education: directions and challenges for the 21st century*. Queensland Conservatorium Research Centre: 2005.

CAMPBELL, Patricia Shehan. *Music, Education, and Diversity: Bridging Cultures and Communities*. Teachers College Press: 2018.

CLAYTON et al. *The cultural study of music: a critical introduction*. Routledge: 2003.

COOGAN, Christa. Breathing Structures – *Flexible and Responsive Methods*. *Orff-Schulwerk heute: The Variety of Teaching Methods in Music and Dance Education*. Vol. 67, Winter 2001/2002. Pg. 25-32.

CUNHA, João Cristiano; CARVALHO, Sara; MASCHA T, Verena. *Abordagem Orff-Schulwerk: História, Filosofia e Princípios Pedagógicos*. Universidade de Aveiro: 2015.

EVERETT, Daniel L. *Don't Sleep, There Are Snakes: Life and Language in the Amazonian Jungle*. Vintage: 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogy of the Oppressed*. Penguin: 1970/2017.

FRIERSON-CAMPBEL, Carol; FROEHLICH, Hildegard C.; ROHWER, Debbie; McCARTHY, Marie. *Inquiry in Music Education: Concepts and Methods for the Beginning Researcher*. Routledge: 2013.

GRATZER et a.l. *Musik und Migration - Ein Theorie- und Methodehandbuch*. Waxmann: 2023.

HARDING, James. *Models of intercultural teaching and learning*. *Orff-Schulwerk heute: Interculturality in the Elemental Music and Dance Pedagogy*. (Orff Schulwerk hoje: Interculturalidade na Pedagogia Elementar da Música e do Movimento). Vol. 93, Winter. 2015. Pg. 28-33.

HARTMANN, Wolfgang. *Looking at the Roots: A Guide to Understanding Orff Schulwerk*. Pentatonic Press: 2021.

KASTENHUBER, Birgit. *Welcome diversity! With music and dance on the way to intercultural competency*. *Orff Schulwerk heute: Interculturality in the Elemental Music and Dance Pedagogy*. Vol. 93, Winter. 2015. Pg. 44-51.

LEASK, Betty R. *Reimagining internationalization of the curriculum*. School of Education, La Trobe University, Australia: 2023

MALKIEWICZ, Michael. *Multikulturalität/Transkulturalität/Interkulturalität: Eine Begriffsklärung*. Orff Schulwerk heute: Interculturality in the Elemental Music and Dance Pedagogy. V ol. 93, Winter. 2015. Pg. 9-15.

MATTOS, Fernanda Terezinha de. *Where peoples meet: A study about the importance of a culturally aware music education in the light of the Schulwerk approach*. Universität Mozarteum Salzburg. 2024

MORRIS, Robert C.; MIMS, Nancy G.. *Making Classrooms Culturally Sensitive*. In: Education and Culture, Vol. XVI No. 1. State University of West: 1999.

PANTAO, Jovar Gallaza; GARCIA, Kenneth Akiatan. Cultural Sensitivity and Classroom Management of Teachers. *International Journal of Professional Development, Learners and Learning*: 2021.

SCAFIDI, Susan. *Who Owns Culture?: Appropriation and Authenticity in American Law*. Rutgers University Press: 2005.

SWANWICK, K.; TILLMAN, J. The sequence of musical development: A study of children's compositions. *British Journal of Music Education*, Vol. 3, 1986, Pg. 305-339. Online access: <https://doi.org/10.1017/S0265051700000814>. Access in July 2024.

VALLEJO, Polo. WHAT to use? The importance of the material in its cultural context. *Orff Schulwerk heute: Interculturality in the Elemental Music and Dance Pedagogy*. Vol. 93, Winter. 2015.

